

Para além da Física

Miriam Mendes Gandelman*

Instituto de Física – UFRJ

“Seu tempo de doutorado é fundamental para fazer a ligação com as pessoas que serão importantes na sua vida profissional e pessoal.” Esta foi a primeira lição que recebi do professor Ronald Shellard: a orientação vai muito além da Física. Ele desembarcou em novembro de 1993 no CERN, pouco depois de mim, que cheguei em 1992, em Genebra, para iniciar meu doutorado sanduíche.

Shellard orientava dois alunos no doutorado: eu e o Denison de Souza Santos. “Aproveitem o período do CERN ao máximo”, repetia o nosso orientador. Ele nos guiava muito além da tese em si.

No meu caso, acabei mudando bastante a proposta que ele tinha para a minha tese, mas não houve problema nenhum: ele confiava muito em mim.

Além dessa confiança e dos conselhos valiosos, Shellard era muito solidário. Lembro-me como se fosse hoje que, em 1993, o mesmo ano em que ele chegou no CERN, havia uma reunião anual do experimento DELPHI, que seria naquele ano em Amsterdã. Eu e o Denison não tínhamos dinheiro para viajar para lá. Shellard nem pensou duas vezes: decidiu ir de carro para que pudesse nos levar.

No meio do caminho havia Heidelberg, e lá paramos em um hotel para dormir: todos no mesmo quarto. Ele não se importou nem um pouco em sacrificar a sua privacidade e deu abrigo aos seus dois orientandos.

Já depois da chegada a Amsterdã, tivemos um tempinho para fazer um passeio pela belíssima cidade. Entramos numa loja de cosméticos e ele me perguntou por que eu não usava maquiagem. “Você ficaria muito bem com batom!”, disse.

Sempre fui muito básica e realmente nunca tive o costume de me pintar. Mas ele não se conformou e me comprou um batom e um blush. O batom eu gostei muito, mas o blush não teve jeito. Até hoje não aprendi a usar, não é um tipo de maquiagem que entrou na minha rotina. Mas guardei o blush que Shellard me comprou de presente como uma recordação. Tenho até hoje comigo.

Porém, a maior lembrança – e a mais importante, sem dúvida, é a sua generosidade e sua disposição de ajudar em tudo o que pudesse. Seus conselhos valiosos. Realmente as relações que fiz no CERN desde essa época permaneceram até hoje e não apenas do ponto de vista profissional, mas pessoal. Amigos e colegas como Hans Dijkstra, Paolo Biffi e Paula Collins.

O nosso grupo da UFRJ entrou no experimento LHCb por

meio desses contatos. Naquele tempo não estava definida ainda a colaboração entre a UFRJ e o LHCb do CERN. Encarei o desafio de convencer o grupo brasileiro a escolher este experimento. Tive sucesso na empreitada e consegui convencê-los.

Um sucesso que devo também ao inesquecível Ronald Shellard: além de sempre cultivar relações, mantive o hábito de passar batom, seguindo seus valiosos conselhos.



Figura 1: 1993 – Shellard em Heidelberg, Alemanha.

*Electronic address: miriam.gandelman@cern.ch

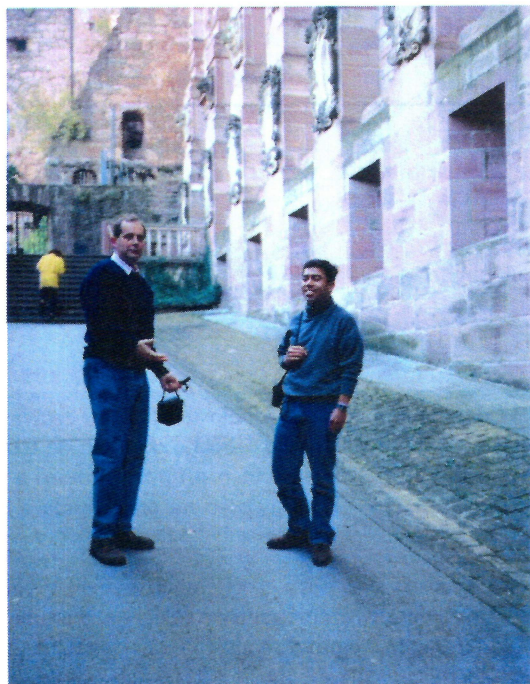


Figura 2: 1993 – Shellard e Denison em Heidelberg, Alemanha.



Figura 5: 2019 – Eu e Shellard no CERN, Suíça, na recepção do ministro do MCTI que iniciou as negociações para a assinatura do acordo Brasil-CERN.



Figura 3: 1993 – Shellard e Denison em Genebra, Suíça.



Figura 4: 1993 – Monique Srivastava (esquerda), eu e Shellard em Genebra, Suíça.